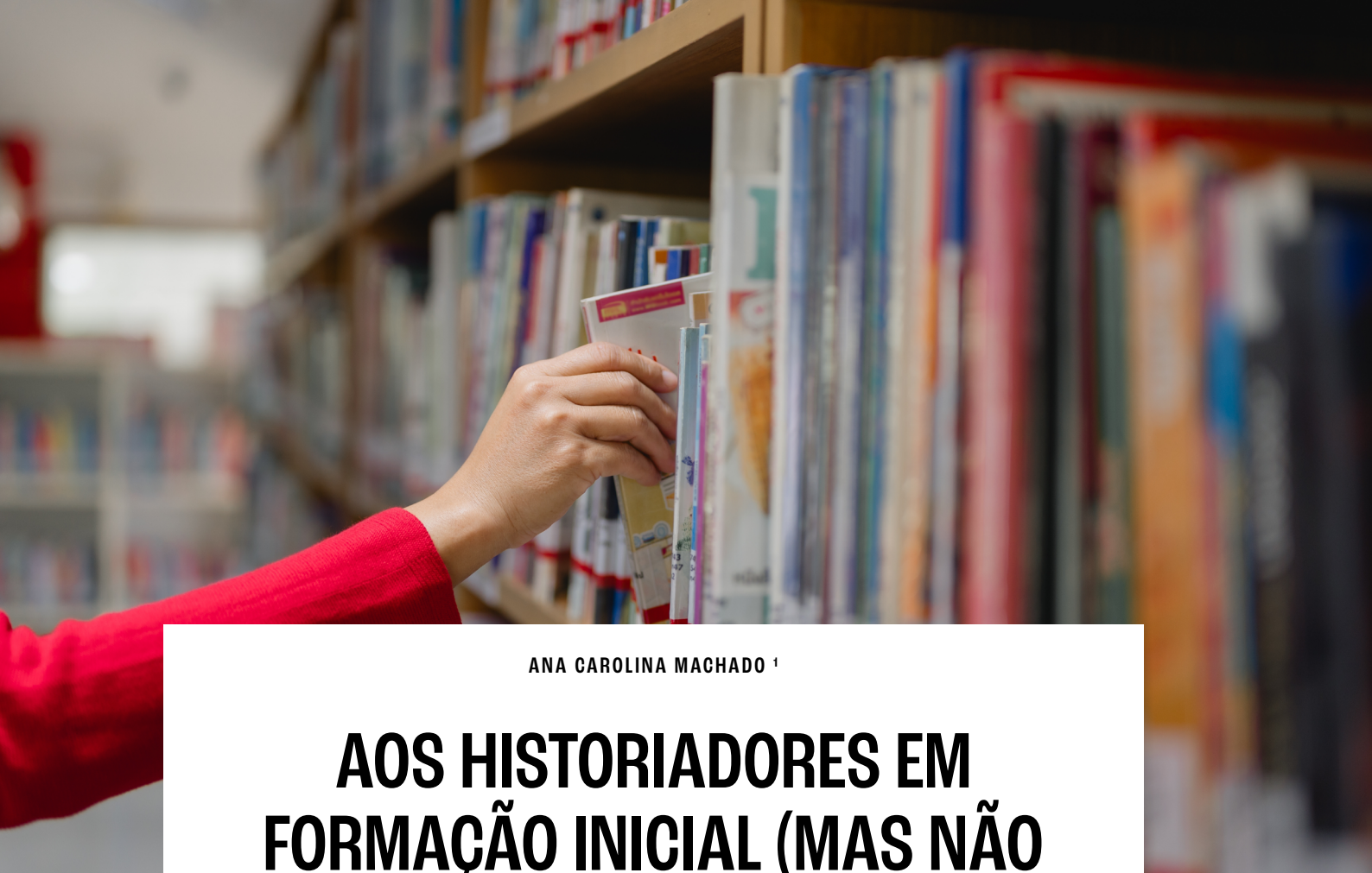




ANA CAROLINA MACHADO ¹

AOS HISTORIADORES EM FORMAÇÃO INICIAL (MAS NÃO SOMENTE): SEJAMOS CURIOSOS, AUTÔNOMOS, PESQUISADORES E LEITORES CONSTANTES

*TO HISTORIANS IN EARLY TRAINING (BUT NOT ONLY): LET US BE CURIOUS,
AUTONOMUS, RESEARCHERS, AND CONSTANT READERS*

ARTIGO 4

48-59

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC e bolsista Capes. Florianópolis, Santa Catarina. E-mail: anacarolinamachado.historia@gmail.com

Resumo: O ensaio aborda a importância da leitura e da pesquisa de referenciais teóricos, metodológicos e temáticos na formação em História, e discorre sobre suas implicações na constituição do historiador. Sugere também algumas atitudes fundamentais que os historiadores em formação devem cultivar para exercer seu ofício com qualidade, relevância e credibilidade. O texto se dirige especialmente aos iniciantes no curso de História, podendo, portanto, ser uma leitura indicada para disciplinas introdutórias aos estudos históricos, embora sua pertinência não se restrinja a esse momento da formação. Trata-se, igualmente, de uma conversa com aqueles cuja trajetória acadêmica já se encontra em estágio mais avançado. O argumento central é que todo bom historiador deve ser: curioso, autônomo, pesquisador e um leitor constante, atitudes que extrapolam os limites da sala de aula e das disciplinas formais. Em outras palavras, o texto convida os estudantes a reconhecerem que a formação histórica é um processo contínuo, que depende, em grande medida, das escolhas e posturas adotadas ao longo de sua construção como profissionais da área. Por fim, o ensaio nos provoca com uma pergunta fundamental: que tipo de historiadores somos e queremos ser?

Palavras-chave: Historiadores em formação. Leitura. Pesquisa.

Abstract: The essay addresses the importance of reading and researching theoretical, methodological, and thematic references in the education of historians, and explores their implications for historical training. It also suggests several key attitudes that aspiring historians should adopt in order to practice their craft with quality, relevance, and credibility. The text is primarily aimed at beginning historians, those at the start of their academic journey, and may serve as a recommended reading for introductory courses in historical studies, though its relevance extends beyond that. It also engages in dialogue with those whose training in history is already more advanced. The central argument is that every good historian must be curious, autonomous, investigative, and a constant reader, qualities that go far beyond the confines of classrooms and coursework. In other words, the essay invites historians to reflect on the idea that learning is a continuous process, and that it depends largely on the attitudes students adopt in shaping themselves as professionals in the field. Ultimately, it poses a crucial question: What kind of historians are we and what kind do we want to become?

Keywords: Historians in training. Reading. Research.

INTRODUÇÃO

Formar-se historiador é, em grande medida, reaprender a ler. O historiador é, acima de tudo, um leitor, seja de livros, documentos, imagens... A formação atual dos cursos cada vez mais privilegia o espaço da sala de aula, aumentando muito a carga horária que os alunos precisam fazer. Com isso, retira-se dos alunos o tempo necessário para a leitura, que, na minha visão, deveria estar no centro da formação. A aula deve servir como um mapa, um espaço de orientação, cuja realização se dá, de fato, no terreno da leitura (Turin 20--? *apud* Detoni, 2024).

O excerto acima, do qual gostaria de partir para iniciar a reflexão que proponho neste breve ensaio, é parte de uma entrevista concedida pelo historiador Rodrigo Turin, professor Associado de Teoria da História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A entrevista integra a série *A Biblioteca de...*², uma iniciativa do projeto de história pública e digital *História da Ditadura*, um dos mais importantes veículos de divulgação científica da história contemporânea e recente do Brasil³. A série tem o objetivo de trazer a público os referenciais de leitura que compõem a biblioteca de importantes nomes da historiografia no país, de modo que os historiadores entrevistados e suas referências possam servir como inspiração e como indicadores de leituras fundamentais para a formação em história, possibilitando novas formas de aprendizagem e abrindo novos caminhos para a construção do conhecimento histórico. Ao ser questionado sobre qual era, a seu ver, a importância da leitura para historiadoras e para historiadores em formação, Rodrigo Turin responde que o “historiador é, acima de tudo, um leitor”, e que a leitura está, ou ao menos deveria estar, no centro da formação em história.

Concordo com o historiador nesse ponto e, neste ensaio, meu intuito é discorrer justamente sobre o lugar que a leitura e a pesquisa de referenciais deveriam ocupar no processo de formação de todo profissional da história. Isso porque, ainda que tais práticas pareçam óbvias, por ser a história uma disciplina situada no interior do que conhecemos como ciências humanas, campo amplo no qual a formação é realizada, em grande medida, através da leitura de textos, documentos e outros materiais, essa dimensão fundamental não parece tão clara para os acadêmicos das primeiras fases do curso de história. E o que se percebe, não raro, em relação a historiadores com a formação mais avançada a nível de graduação e pós-graduação, é que muitos acabam pecando pela ausência da prática da leitura constante e atualizada o que limita, em grande medida, seu exercício profissional como docente e como pesquisador da história.

Meu objetivo com este ensaio é abordar sobre a importância da leitura e da pesquisa de referenciais teóricos, metodológicos e temáticos na formação em história, e discorrer sobre suas implicações na formação dos historiadores. Ao longo do texto, proponho uma reflexão sobre a deficiência de formação dos novos profissionais e sugiro, também, algumas atitudes que, a meu ver, todo *bom* historiador deveria ter para que consiga exercer seu ofício com qualidade, relevância e credibilidade. O texto se direciona especialmente aos historiadores iniciantes, ou seja, àqueles e àquelas que estão no início do curso e, por isso, pode ser uma sugestão de leitura para aquelas disciplinas de introdução aos estudos históricos, mas não somente. Ele também se constitui como uma conversa com aqueles cuja formação já está um pouco mais avançada.

Meu argumento é o de que todo *bom* historiador deve ser: curioso, autônomo, pesquisador e constante leitor, e que essas atitudes excedem radicalmente o ambiente das salas de aula e das disciplinas que está cursando. Em outras palavras,

2 Sobre a série, ver: <https://www.historiadaditadura.com.br/colunas/categories/a-biblioteca-de>. Acesso: 22 jan. 2025.

3 Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/>. Acesso: 22 jan. 2025.

o que gostaria de convidar os historiadores em formação a pensar, é que nossa formação é constante e que ela dependerá, em grande medida, das atitudes que iremos ter diante do exercício de nos construirmos historiadores. E que tipo de historiadores somos/queremos ser?

A AUSÊNCIA DA LEITURA COMO DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO: PARA SER HISTORIADOR É PRECISO LER!

A maioria dos acadêmicos que iniciam o curso de história se deparam com uma concepção de história diferente daquela que os levou, inicialmente, a escolher essa opção. Uma das primeiras desconstruções é a ideia de que o objeto da história seria tão somente o passado e, não raro, o professor responsável pela disciplina de Introdução aos Estudos Históricos cita logo de cara a tão famosa definição de Marc Bloch, presente em seu *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, de que a história se constitui como a ciência que se dedica a estudar as ações dos homens no tempo (Bloch, 2001), definição que amplia a noção temporal da disciplina e que é tão central para situar os novos historiadores em formação sobre o terreno no qual estão começando a pisar.

O mesmo professor e os demais falam da importância das fontes, explicam a forma como as disciplinas são organizadas mediante a grade do curso de cada universidade, e ainda nas primeiras aulas, geralmente são apresentados os planos de ensino, nos quais constam os textos que serão lidos em cada matéria, um cronograma, possibilidades de avaliação. E, claro, alguns professores pedem para os acadêmicos que se apresentem e compartilhem com os novos colegas o motivo do porque escolheram cursar história, pergunta para a qual, muitas vezes, as respostas são: porque eu sempre gostei de ler, porque sempre fui bastante curioso (a), porque sempre me interessei em pesquisar sobre muitos assuntos.

Ouvi muitas dessas respostas da minha turma quando, lá em 2014, iniciei a graduação em história na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), no Paraná. Continuei escutando respostas bastante semelhantes quando, ao longo do mestrado, cursado entre 2020 e 2022 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e do doutorado, que está sendo realizado junto à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), realizei meus estágios de docência em disciplinas da graduação em história, requisito obrigatório para os pós-graduandos que são beneficiados com bolsas de pesquisa.

Apesar dessas respostas, o acompanhamento das aulas ao longo dos semestres, as conversas constantes com os professores responsáveis pelas disciplinas e minha própria prática docente como ministrante de algumas aulas evidenciaram sempre um mesmo problema: os estudantes não leem. Problema esse que parecia se repetir em outras disciplinas, uma vez que outros colegas e professores comentavam com frequência que observavam a mesma situação: a falta de comprometimento dos acadêmicos com o curso e a ausência de leituras dos textos obrigatórios. Em outras palavras, de turmas enormes - pois as turmas começam com muitos que vão desistindo ao longo do tempo, na maioria das vezes, justamente por conta da demanda de leitura - poucos interagiam nas aulas trazendo questões pertinentes e/ou mobilizando discussões presentes nos textos indicados pelos professores e por nós, estagiários.

REFERENCIAL TEÓRICO: PARA SER HISTORIADOR É PRECISO LER!

Lembro que, em uma ocasião em que estagiei na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos, no primeiro período, trabalhei o livro citado acima, do Marc Bloch, do início ao fim. Poucos colegas leram, de fato, algum ou outro capítulo, e isso era bastante perceptível quando eu os indagava sobre questões

centrais àquela discussão que eu e o professor responsável pela disciplina enfatizamos, era fundamental para a formação deles. Mas também que era um livro importante para que pudessem entender minimamente o conteúdo de outras disciplinas que viriam posteriormente, as de teoria da história e historiografia. Insistimos, como que chamando a atenção dos estudantes: Leiam Marc Bloch! Vocês não podem se formar historiadores e historiadoras sem dominar essa obra que é incontornável para nosso ofício, já que nela estão as bases do que chamamos de história-problema (Bloch, 2001), concepção que continua orientando nossa prática historiadora desde o início do século passado, apesar das tantas mudanças que a historiografia atravessou de lá pra cá. E ressaltamos: terão que ler em algum momento, senão agora. Não tem jeito. Ler *Apologia da História* é o mínimo. Os acadêmicos não pareciam levar tão a sério o que falávamos e, certamente, passamos por chatos em algum momento.

Mas, nessa situação, eu e o professor da disciplina, tínhamos uma responsabilidade: conscientizar sobre a importância da leitura faz parte dos desafios que enfrentamos enquanto formadores de professores de história, e esses desafios são muitos, como bem abordaram Oliveira e Freitas (2013). Por conta dessa situação, resolvi ter uma conversa com os estudantes, que eu gostaria que meus professores tivessem tido comigo já no primeiro dia em que coloquei os pés nesse mundo da história, há mais de uma década: a importância de ler, e que sem a leitura é impossível cursar este curso. Que como afirmou Turin (20--? *apud* Detoni, 2024) ser historiador é ler, e que todo historiador precisa ser, antes de mais nada, um leitor. Tudo bem que no primeiro período os acadêmicos estão se familiarizando com o curso, com a universidade, com um ambiente bem diferente daquele que estavam acostumados na escola, se considerarmos apenas aqueles que saem do ensino médio e, tão logo, ingressam no ensino superior. Mas é importante que desde o início os futuros profissionais da história entendam os pilares de seu ofício, e a leitura é, sem dúvidas, um dos principais.

A meu ver, é dever de todo professor das disciplinas da primeira fase, isto é, do primeiro semestre, ou primeiro ano, ter essa conversa franca com os acadêmicos, com objetivo de situá-los sobre o que se espera de um bom historiador. Alguns professores, com o intuito de “obrigar” os estudantes a lerem, ainda que com boas intenções, acabam colocando a discussão e dos textos em sala de aula como um requisito obrigatório, ou seja, como parte da avaliação. Outros, ainda, exigem que os estudantes construam fichamentos dos textos como parte do processo avaliativo, evitando o método mais tradicional de aplicação de provas. Parece um bom caminho, já que a avaliação é feita de forma gradual e não apenas em um momento específico que, geralmente, exige que o aluno demonstre domínio do conteúdo estudado ao longo de um semestre inteiro, ou pelo menos boa parte dele. Ainda assim, muitos apenas fazem os fichamentos e leem os textos para debater nas aulas como uma obrigação, sem mensurar a importância da leitura para sua formação. E é nisso que reside, a meu ver, um dos grandes problemas hoje na formação dos historiadores, a carência de leitura, problema esse que, se não for debatido e refletido, indicará cada vez mais uma deficiência no perfil do profissional da história.

Ainda sobre o professor formador, não se pode esperar que ele dê conta de tudo. Por mais comprometido que esse professor universitário seja na formação dos futuros historiadores, ele não dará conta de passar tudo de determinado tema ou assunto, ainda que monte um plano de aula extremamente completo e diverso. E mesmo que siga à risca esse plano, sempre são necessárias negociações e escolhas. Ou seja, os textos selecionados por este professor, ainda que muitos, serão apenas alguns diante de uma vasta historiografia sobre o tema abordado, e irão dar apenas uma base ao aluno sobre tal discussão. Todavia, a maioria dos planos ainda vêm acompanhados de uma lista de referências que indicam leituras complementares que, na maioria das vezes, sequer são baixados, já que nem as leituras obrigatórias são devidamente realizadas.

Agora, gostaria de passar ao papel dos acadêmicos, dos profissionais em formação. Sabendo que os textos indicados pelo professor oferecerão apenas alguns olhares sobre o assunto, não custa separar alguns textos para ler, a posteriori, da bibliografia complementar, no intuito de aprimorar os horizontes de conhecimento. Mas ler tantos quanto outros, será sempre uma escolha do historiador em formação. Como bem enfatizou Turin (20--? *apud* Detoni, 2024). 2024), há, claro, um problema do aumento da carga horária que os acadêmicos precisam fazer para se formar, e isso não apenas retira o tempo de leitura com qualidade, mas eu acrescentaria, também, o gosto e o prazer de ler e de aprender lendo. Sobretudo para aqueles que trabalham o dia todo e que vão à universidade à noite; para aqueles e aquelas que têm filhos, para aqueles e aquelas que, enfim, se dedicam a outras obrigações que não apenas estudar. Mas não tem jeito, não há como escapar da leitura e quanto mais leituras o historiador em formação tiver, maior será seu repertório de conhecimento e, conseqüentemente, de ensino e de pesquisa.

Historiadores iniciantes no curso de história, se eu pudesse vos dar um conselho seria: façam o básico bem feito, mas não se contentem com ele. E enfatizo isso especialmente para aqueles que são privilegiados, ou seja, aqueles que podem se dedicar exclusivamente aos estudos e/ou que são beneficiados com bolsas. Se esforcem para que vocês consigam, mais do que aproveitar bem as disciplinas, compreender o campo no qual vocês estão se inserindo. E para isso, precisam ser curiosos, autônomos, pesquisadores e leitores constantes. E vai depender de vocês, porque nem sempre os professores universitários terão o comprometimento que deveriam ter com a docência.

Quem de nós nunca ouviu uma crítica ou nunca criticou um professor que não prepara direito as aulas ou que parece não se importar muito com outra coisa que não seja fazer pesquisas sobre os temas que estuda com o objetivo de aumentar seu currículo lattes e de construir um nome dentro do segmento acadêmico? Infelizmente, esse tipo

de postura, que é abordado por Oliveira e Freitas (2013), é bastante comum nas universidades, inclusive nos cursos de história, e isso prejudica em grande medida a formação dos acadêmicos.

Não deveria ser assim, mas isso ocorre e, inclusive, esse descaso docente pode ser o motivo pelo qual muitos desistem do curso e se sentem desmotivados a estudar. O que eu gostaria de dizer a vocês, acadêmicos iniciantes, é que esse tipo de problema, de professor desinteressado e descompromissado, também parece ser crônico nas universidades, e que vocês irão se deparar com algum ou alguns professores assim ao longo da trajetória acadêmica de vocês. Mas também que o descaso discente em relação às aulas e sua falta de comprometimento também é, muitas vezes, um indicativo do desânimo dos professores em relação à docência e à formação dos novos historiadores. Mas, sempre há exceções, de professores e de estudantes. Essa é a boa notícia. Vai existir um professor que irá marcar a vida do aluno e que lhe servirá como inspiração e até mesmo como um mediador para que esse estudante continue sua formação na área, e felizmente os casos são muitos. Assim como irão existir estudantes que de tão esforçados, se igualam e são capazes de superar seus mestres.

ALÉM DE LEITOR, O HISTORIADOR PRECISA CONSTRUIR CONSTANTEMENTE UM MAPA HISTORIOGRÁFICO

Eu gostaria que tivessem me ensinado sobre a importância de ler não somente os textos das disciplinas e pesquisar não apenas nos acervos e centros de documentação, mas de mapear um campo historiográfico. Sobre a importância de entender sua dinâmica, seus principais autores, sua lógica, seu fluxo, seus temas, suas carências, inclusive. É necessário que aquele que decide cursar o curso de história ou que já está cursando a graduação, o mestrado ou o doutorado, aprenda a construir gradualmente uma capacidade de articulação de ideias que

só pode ser efetiva caso esse aluno, historiador em formação, realize esse movimento de ampliar seu leque de referenciais constantemente.

Os novos historiadores precisam ser mais esforçados, e me incluo nessa lista. Vemos gerações de grandes historiadores brasileiros que nos antecederam e cuja formação em nível de graduação e pós stricto sensu foi realizada em momentos nos quais a internet, que facilitou o acesso à informação e democratizou o conhecimento, ainda não havia se popularizado. Ouvimos esses professores, profissionais da velha guarda de nossa área, compartilharem sua experiência de formação em palestras, conferências e outras apresentações em eventos acadêmicos, bem como nos textos que escrevem em forma de memorial, em momentos de projeção de carreira, no quais estes nos contam sobre as dificuldades de se fazer um trabalho que só podia ser realizado, grosso modo, manualmente. Pessoas que se formaram em uma época em que as revistas acadêmicas ainda eram impressas e nos quais o acesso a livros, artigos, teses e dissertações, era feito de forma presencial na maioria dos casos.

Uma realidade, enfim, muito diferente da nossa, que assistimos e protagonizamos o fenômeno da digitalização e que lemos a maioria dos materiais necessários para nossa formação pelo celular, computador e *Kindle*. A própria velocidade do acesso aos materiais para a formação dessa geração anterior à nossa era mais lenta, nesse sentido. Hoje, temos acesso imediato ao que foi recentemente publicado. Tão logo um novo número de uma revista especializada da história é compartilhado no site do periódico, já podemos baixar um por um dos artigos. No entanto, é notável que apesar das facilidades, lemos muito menos do que muitos dos professores que nos antecederam. Lemos muito menos do que deveríamos e poderíamos ler. E, por vezes, olhamos com admiração para alguns deles nos perguntando: como pode saber tanta coisa? Como pode ter tantas referências? E a resposta é simples: esses historiadores decidiram investir e continuam investindo tempo em pesquisa e leitura.

Fazia um tempo que eu queria escrever sobre isso e minha inquietação veio não somente da experiência de estágio que compartilhei anteriormente, mas também em conversas com amigos e colegas da área que estão no mesmo nível de formação que eu, ou seja, que já possuem graduação e mestrado, que cursam doutorado e alguns até já doutores e doutoras em história. É normal que quando nos reunimos, ainda que não seja na universidade, o assunto história e historiografia seja um dos principais a permear nossas conversas, afinal, historiadores quando se juntam falam de história e falam de suas pesquisas.

Mas, o que percebo é que a maioria dos colegas permanecem fechados em estudar sobre os temas de suas pesquisas e que, não raro, demonstram desconhecimento do nosso campo, especialmente da historiografia brasileira, e isso, a meu ver, se remete ao problema da falta de leitura e da falta de pesquisa. Não é que o historiador precise conhecer todos os autores que trabalham com todas as discussões, subáreas e temas. Do meu ponto de vista, um bom historiador deveria apontar, minimamente, se lhe for perguntado, alguns dos principais teóricos sobre determinado assunto, demonstrando, assim, um conhecimento diversificado de sua disciplina.

Vou exemplificar: se lhe perguntarmos alguns dos autores que, na historiografia brasileira, se dedicaram e se dedicam à história oral, seja em termos teóricos e metodológicos, seja em termos práticos, ainda que este não seja o seu lugar de prática historiográfica propriamente dito, espera-se que ele saiba minimamente citar alguns nomes, obras, discussões. E mais, que tenha lido ou que leia sobre a história oral em algum momento de sua formação. O mesmo vale, por exemplo, sobre as abordagens relacionadas aos estudos de gênero ou à ditadura militar. Quem são os autores “cânones” no Brasil sobre tais assuntos? A quem recorrer quando o historiador iniciar uma pesquisa nesses âmbitos ou for dar aulas sobre os temas? E isso vale para tantos outros. A ignorância de autores e abor-

dagens acaba defasando a prática profissional e mesmo a qualidade do historiador.

É dever de todo bom historiador se esforçar para estar “por dentro” das discussões historiográficas, e essa é uma tarefa que o historiador deverá realizar sozinho, com o objetivo não somente de ampliar seu conhecimento, mas também com o objetivo de diferenciar-se em possíveis processos seletivos, por exemplo. A lógica deveria ser, especializar-se em algumas sub áreas e temas, mas buscar sempre saber um pouco de tudo. E para isso, não basta apenas ler os textos indicados nas disciplinas, é preciso um pouco mais de curiosidade e pesquisa autônoma.

É necessário, novamente, fazer um mapeamento historiográfico, mapear referências, pesquisar constantemente não apenas na historiografia, mas em áreas correlatas, já que nossa disciplina é, por excelência, interdisciplinar. É importante saber os “cânones”, as bases, mas estar atento ao que surge de novo. Mesmo porque as discussões se renovam e se atualizam de tempos em tempos, uma vez que novas demandas são colocadas e a historiografia acompanha esse fluxo. Ademais, pesquisadores referenciais revelam seus próprios conceitos, reavaliam suas hipóteses sobre determinado assunto e trazem novas perspectivas à luz de novas fontes e de novos fatos, por exemplo, e o historiador em formação precisa estar atento a isso. E ainda, somente uma prática de pesquisa constante sobre a historiografia permitirá que o historiador consiga compreender o diálogo entre autores que se aproximam e, sobretudo, suas divergências de interpretação sobre um mesmo assunto. Só tendo essa mínima noção é que o historiador poderá, inclusive, escolher com qual perspectiva irá dialogar em suas pesquisas e em sala de aula, ao ensinar história para seus estudantes no ensino básico, e só assim poderá apresentar a eles as diferentes formas de interpretar um mesmo fenômeno.

Então, quando falo da importância e da necessidade da leitura ampliada, aquela que excede as obrigatoriedades mínimas de qualquer histo-

riador em formação, que é fazer as leituras de disciplinas da graduação e pós-graduação, refiro-me a um movimento que só pode ser realizado quando o historiador aprende, paralelamente, a ser um pesquisador autônomo. E o pesquisador autônomo, a meu ver, é movido pela curiosidade. Ele não precisa ser cobrado, ele mesmo deve se interessar em construir seu leque de referências por saber da importância e do diferencial que esse exercício possibilita em sua formação. Novamente, ainda que eu me direcione aos acadêmicos iniciantes na história, para que esse exercício seja uma constante desde o início de sua formação, é importante ressaltar que se trata de uma prática que se estende ao longo de toda a trajetória de quem deseja ser um bom historiador. Afinal, todos somos historiadores em constante formação, nunca estamos prontos. Apenas me parece que, quanto antes o historiador começar a ter essas noções, melhor preparado ele estará para exercer seu ofício, e que deve ser uma competência de todo bom historiador ampliar seus conhecimentos constantemente.

A seguir, deixo algumas sugestões direcionadas especialmente aos acadêmicos iniciantes na história, mas que pode servir a todos os colegas da pós-graduação também, para que mais do que ler as obrigatoriedades das disciplinas, ampliem seu leque de discussões historiográficas e construam, através de sua curiosidade e autonomia de pesquisa, um mapa amplificado de referências.

METODOLOGIA: COMO CONSTRUIR UM MAPA HISTORIOGRÁFICO E COMO ESTAR DENTRO DAS ATUALIZAÇÕES DA HISTORIOGRAFIA?

Uma sugestão que faço aos professores é incentivar o exercício de mapeamento bibliográfico dos cânones das disciplinas que ministram e de temas e discussões que atualmente estão em pauta nesse segmento. Exemplo: que o professor de história antiga sugira aos acadêmicos que façam, ou mesmo coloque essa atividade como parte do processo

avaliativo, um levantamento bibliográfico que contemple as principais obras da historiografia no que se refere à história antiga, que pesquisem quem, no Brasil, é historiador especialista nessa área, que revistas de história são especializadas nos estudos sobre antiguidades, e que construam um mapa em forma de tabela com essas referências, se possível com os links para baixá-los em PDF, caso houver. Esse exercício, a meu ver, pode ser realizado em todas as disciplinas, como história do Brasil colônia, império e república, história contemporânea, etc. Pode, inclusive, ser mais circunscrito, como, por exemplo, com um mapeamento por temas como ditadura militar, guerras, Revolução Francesa, entre outros, e pode ser atualizado de tempos em tempos à medida que novos materiais venham a ser publicados. Teses e dissertações podem e devem ser inseridas também, especialmente para aqueles que se interessam em tentar processos seletivos para mestrado e doutorado.

Todo esse material pode ser salvo no drive, nuvem ou em softwares específicos, e pode servir para o historiador não apenas para a escrita de projetos de pesquisa e artigos, mas especialmente para o ensino da história quando este historiador já formado começar a lecionar a disciplina. Inclusive, porque uma visão mais ampliada da historiografia possibilita o entendimento de visões e conceitos já ultrapassados ou mesmo limitados para a interpretação de determinados processos históricos. A realização desse mapa em forma de tabela possibilita ao historiador uma ampla familiaridade com uma bibliografia que, mesmo que ele não leia na íntegra ou de imediato, estará organizada e atualizada para quando, eventualmente, ele precisar. Mas, o que quero enfatizar, é que raramente os professores farão esse tipo de proposta, que é bem mais comum nas disciplinas de pós-graduação quando os acadêmicos vão aprimorar seus projetos de pesquisa. Por isso, esse exercício pode e deve partir dos historiadores em formação já desde o início da graduação, e seguir como

prática constante já que, na verdade, apesar do nível de estudo, todos somos historiadores em constante formação e aprimoramento.

O que mais pode ser feito nesse sentido? Sugiro aos iniciantes e aos não tão iniciantes na história, além desse mapa historiográfico apontado acima, que sejam curiosos e autônomos e que explorem cada vez mais o universo das revistas acadêmicas de história. Que façam, de igual modo, listas das revistas especializadas, inclusive em temáticas específicas, que pesquisem suas antigas edições e que acompanhem a publicação de seus novos números. Esse tipo de pesquisa permite ao historiador em formação que acompanhe as propostas temáticas dos dossiês temáticos e que compreenda que os temas escolhidos fazem parte das demandas historiográficas do tempo presente e que por isso colocam em pauta discussões que estão na ordem do dia e que, na maioria das vezes, apresentam uma certa urgência de debate e problematização por parte dos historiadores. É interessante, também, pesquisar sobre os laboratórios que integram os departamentos de história nas universidades brasileiras, para um conhecimento de suas áreas de concentração e sobre o que tem sido produzido nesses espaços.

Sugiro, de igual modo, que acompanhem semanalmente o site da Associação Nacional de História (Anpuh/Brasil)⁴, para que estejam atualizados das notícias, das chamadas, dos eventos, dos prêmios, dos podcasts, enfim, de muitas outras informações e documentos importantes relacionados à comunidade historiadora no Brasil. Além disso, é no site da Anpuh que o historiador pode se familiarizar com os Grupos de Trabalho (GTS) que integram a associação, e conhecer quem são os pesquisadores que estudam determinada área e que discussões mobilizam coletivamente. E ainda no tocante aos eventos, publicações, cursos e outras atividades no campo da história no Brasil e fora dele, indico o acompanhamento de dois perfis do Instagram, que publicam diariamente: o @historiaeventos⁵ e o @revistasacademicas⁶. Este

4 Disponível em: <https://anpuh.org.br/>. Acesso: 23 jan. 2025.

5 Disponível em: <https://www.instagram.com/historiaeventos/>. Acesso: 23 jan. 2025.

6 Disponível em: <https://www.instagram.com/revistasacademicas/>. Acesso: 23 jan. 2025.

último é mais direcionado a quem deseja publicar ou acompanhar novos números de revistas de história e áreas correlatas.

Gostaria de referenciar, novamente, a série *A Biblioteca De...* do *História da Ditadura*, que mencionei no início deste texto, pois os historiadores entrevistados indicam referências bibliográficas importantes para quem está iniciando na área de história. Esses importantes nomes da historiografia brasileira também falam sobre suas trajetórias, comentando suas obras e as discussões mobilizadas no interior de suas áreas específicas de atuação, o que pode ajudar em grande medida historiadores iniciantes e os já mais avançados. Por fim, mas não menos importante, indico o *Café História*⁷, o mais longo portal de história pública e divulgação científica da história no Brasil. Fundado pelo historiador Bruno Leal, professor de história contemporânea da Universidade de Brasília (UNB), o portal está no ar desde 2008 e reúne uma série de materiais relacionados à história. Com linguagem didática, o projeto reúne pesquisas publicadas em formato de artigos, produzidos por historiadores convidados, notícias históricas sobre acontecimentos do tempo presente, entrevistas, materiais para ensino, referências cinematográficas e a série *Bibliografia Comentada*⁸, para a qual gostaria de chamar a atenção.

Conforme a descrição do site, a seção *Bibliografia Comentada* (c2025): “é feita para quem deseja começar a estudar um determinado tema ou área histórica, mas não sabe por onde começar. Que livros ler? De quais autores e autoras? Em qual ordem? Eis o objetivo das nossas ‘Bibliografias Comentadas’. Especialistas comentam de 5 a 10 obras fundamentais”. As listas comentadas servem não apenas para que o historiador iniciante se familiarize com determinada historiografia, mas também para que outros historiadores já mais avançados possam adiantar seus levantamentos bibliográficos ao montarem seus projetos de pesquisa e ao planejarem suas aulas no ensino básico. Para citar apenas algumas dessas bibliografias comentadas

presentes no site do *Café História*, o historiador encontrará o que há de mais atual na historiografia sobre o nazismo, diversas obras para entender o iluminismo, a história econômica do Brasil, as mulheres artistas, a historiografia acerca da Revolução Mexicana, o período Vargas, entre outras tantas. Uma das principais listas, a meu ver, é a *História da Ditadura Militar para iniciantes*, que abarca referências incontornáveis para o historiador curioso que deseja aprender sobre o tema. Os materiais desta seção são, igualmente, importantes referências para inserir no mapa historiográfico em forma de tabela.

Bem, é isso. Espero que as questões que eu levantei ao longo dessas páginas instiguem e impulsionem historiadores mais autônomos e curiosos, que se preocupem com a qualidade de sua formação e que se empenhem em exercer com qualidade o seu ofício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, em forma de ensaio, não mobilizei nenhum resultado e nem dialoguei com muitos referenciais teóricos e metodológicos. Meu intuito foi que ele se constituísse como uma conversa, um chamado à reflexão e à ação, direcionado especialmente para acadêmicos iniciantes na história, mas também para meus pares, colegas de pós-graduação, professores de história da rede básica, enfim, historiadores de modo geral. Busquei enfatizar alguns dos fundamentos para a construção de um bom historiador: a prática da leitura ampliada, a importância de construir um mapa historiográfico, de conhecer a pluralidade da historiografia, de se situar, enfim, no campo da história. Chamei a atenção para um problema recorrente na formação de novos historiadores: a falta de comprometimento com a leitura e apontei a necessidade de que sejamos historiadores curiosos, autônomos, pesquisadores e constantes leitores desde o início de nossa formação e sempre.

7 Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/>. Acesso: 23 jan. 2025.

8 Sobre o Café História, ver mais em: Soares (2019).

9 Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/category/bibliografia-comentada/>. Acesso: 23 jan. 2025.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DETONI, P. A Biblioteca de... Rodrigo Turin. **História da Ditadura**, 27 ago. 2024. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/a-biblioteca-de-rodrigo-turin>. Acesso em: 23 jan. 2025.

OLIVEIRA, M. M. D.; FREITAS, I. Desafios da formação inicial para a docência em História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 3, p. 131-147, 2013.

SOARES, F. S. Entre a história pública e a história digital: a oficina historiográfica de Bruno Leal e o Café História. **História Oral**, v. 21, n. 2, p. 159-176, 2019.

